

**DEGRADAÇÃO E MISÉRIA HUMANA EM *QUERO VIVER...*  
MEMÓRIAS DE UM EX-MORTO, DE JOSEPH NICHTHAUSER: A VIDA  
SOB O DOMÍNIO NAZISTA**

**DEGRADATION AND HUMAN MISERY IN JOSEPH NICHTHAUSER'S *QUERO VIVER*,  
MEMÓRIAS DE UM EX MORTO: LIFE UNDER THE NAZI DOMAIN**

**Vanderléia de Andrade Haiski<sup>1</sup>  
Lizandro Carlos Calegari<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é analisar a degradação e a miséria humana no relato de testemunho *Quero viver... memórias de um ex-morto* (1961), do escritor judeus-brasileiro Joseph Nichthausen. O autor é também narrador-protagonista do mencionado livro e vítima do Holocausto. Prisioneiro nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), viu sua família e amigos sendo mortos pelos nazistas e pôde testemunhar as mais diversas experiências de violência de um período sombrio da história mundial. Para o embasamento desta proposta, buscou-se respaldo em autores como Ben Abraham, Bruno Bettelheim, Theodor Adorno, Zygmunt Bauman, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Degradação. Miséria humana. Holocausto. Joseph Nichthausen.

Narrar sobre a vivência nos campos de concentração é uma tarefa árdua ao sobrevivente. Isto porque esta é uma experiência que leva o indivíduo ao limite de sua humanidade e é tão degradante, que destrói o maquinário da linguagem e, conseqüentemente, impossibilita a representação desses acontecimentos em sua totalidade. Além do mais, evoca um passado que tentou ser apagado da memória desses indivíduos pelos seus opressores e, possivelmente, por suas próprias mentes, visto que esta é uma experiência cujas memórias, por vezes, se apresentam fragmentadas e confusas. Essa experiência de luta pela sobrevivência nos campos de concentração nazistas é narrada, em *Quero viver... memórias de um ex-morto*, por Joseph Nichthausen, que lutou não apenas para manter-se vivo, mas também para não se perder de sua própria identidade e de seus valores. Nichthausen, ao testemunhar

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras, Literatura Comparada, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen (URI-FW/RS). E-mail: vanderleiadeandrade@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras. Professor da Graduação e do Mestrado em Letras na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen (URI-FW/RS). E-mail: Lizandro.calegari@yahoo.com.br

sua experiência, exerce uma dupla função: a de narrador-protagonista e de vítima da barbárie. O Holocausto foi um acontecimento de extrema degradação física e, principalmente, moral.

*Quero viver... memórias de um ex-morto* é um relato de testemunho publicado em 1961, no Brasil, e conta a história de vida de seu autor, quando foi prisioneiro de vários campos de concentração na Alemanha nazista. O relato de Nichteuser cobre o período de tempo da Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. Quando a guerra teve início, ele tinha onze anos incompletos e pôde assistir à invasão da Polônia, sua terra natal, pelos alemães. Em 1945, graças ao exército norte-americano, foi libertado, aos dezesseis anos e meio. Durante esse período, nos campos de extermínio, presenciou o assassinato de vários amigos e de sua própria família. O livro é dividido em três partes, sendo que, na última delas, conta como foram suas experiências nos oito campos de concentração por que passou.

Assim, em termos históricos, a exemplo do que acontecia em outras nações, na Alemanha, até ela tornar-se nazista, os judeus participavam da vida cultural, científica e política do país, pois possuíam os mesmos direitos constitucionais que os alemães. Porém, após a derrota na Primeira Guerra Mundial, a crise que afetou o país criou condições para que Adolf Hitler ascendesse ao poder de forma que, com seu governo Nacional Socialista, elegeu como “bode expiatório” os judeus. Hitler, em seu “evangelho” *Mein Kampf*, “pregava o extermínio dos judeus, povo que ele culpava por tudo que havia de errado (Diem Juden sind am allem schuld). A partir de 1928, atos isolados de violência e esporádicas surras aplicadas a judeus pelos adeptos da SA, tornaram-se cada vez mais comuns” (ABRAHAM, 1980, p. 7)<sup>3</sup>. Em 11 de abril de 1933, um mês após Hitler assumir o poder, foram instituídas as leis arianas<sup>4</sup> e, assim, prosseguiram as perseguições aos judeus, resultando em prisões em massa e internamentos nos recém-construídos campos de concentração, além do boicote econômico e a proibição aos judeus de exercerem suas atividades comerciais e profissões liberais.

Em 15 de setembro de 1935, as leis de Nuremberg reforçaram os decretos antissemitas. Entretanto foi em 1º de setembro de 1939, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que a perseguição aos judeus entrou em sua fase mais terrível e repugnante. A perseguição aos judeus ultrapassou os limites da Alemanha e, a partir do momento em que as

<sup>3</sup> SA (Sturmabteilung) eram as tropas de assalto do Partido Nazista.

<sup>4</sup> “ARIANO – Povos nômades caucasoides. Conforme a teoria dos genealogistas de Hitler, da raça ariana descendem os povos nórdicos da Europa, particularmente os alemães. Única raça superior da terra, com capacidade de dominar o mundo” (cf. ABRAHAM, 1997, p. 146).

tropas nazistas adentravam em um país, os judeus perdiam totalmente a sua liberdade. Eles eram perseguidos nas ruas, espancados e conduzidos aos trabalhos forçados, e os religiosos tinham suas barbas cortadas, seus livros queimados e seus templos destruídos (ABRAHAM, 1997, p. 8-16).

Foi na noite de 31 de agosto de 1939, quando começou a invasão da Polônia pelos nazistas, que Nichthausen, conforme suas próprias palavras, “deixou de ser criança”. Com 11 anos incompletos, ele começou a experimentar o horror do nazismo, embora esse começo fosse com certo otimismo, acreditando que a infantaria de seu país pudesse deter os invasores. Aliás, como o próprio autor relata nas primeiras páginas de seu testemunho, ele “[s]abia que os alemães não gostavam dos judeus, mas não imaginava até onde chegava o ódio deles para conosco” (NICHTHAUSER, 1976, p. 20). Nichthausen não podia imaginar o que ainda haveria de vir.

Já no início da campanha nazista na Polônia, em 3 de setembro, a Wehrmacht organizou um sangrento massacre contra os judeus de Bydgoszcz, Rawa Mozowiecka e Ostrov. A Gestapo montou seu plano contra o “problema judaico” e seguiram-se os confiscos, as multas pesadas e deportações em massa, enquanto que os soldados alemães saqueavam, roubavam e queimavam as casas dos judeus. Além disso, foi instituído o toque de recolher para os judeus e a proibição de transitarem pelas ruas principais e calçadas, e o culto religioso foi proibido, sob pena de morte a quem descumprisse a ordem imposta (ABRAHAM, 1980, p. 16).

Este cenário caótico que se instaurou na Polônia no final da primeira metade do século XX, a partir da invasão nazista, foi o ponto de partida para as memórias de Nichthausen. O autor não fala detalhadamente de sua vida antes da guerra, mas, no decorrer do seu texto, ele deixa claro que sua família, embora não fosse abastada financeiramente, era bem estruturada. Nichthausen, seus pais e seus irmãos, David e Fela, compunham uma típica família judaica na Polônia, com suas crenças e costumes, e desfrutavam de um ambiente harmônico e digno. Logo no início da invasão alemã, os Nichthausens tentaram partir da Polônia em busca de refúgio, mas foram persuadidos por soldados alemães, que os encontraram no caminho, a voltarem para a sua casa. Pouco tempo após esse retorno, tem início a saga de Joseph e seu irmão David, primeiramente pelo gueto e, logo em seguida, por oito campos de concentração

nazista: Sosnowice, Sucha, Sakrau, Bismarkhutte, Reigersfeld, Auschwitz, Gross-Rosen e Buchenwald, respectivamente.

A narrativa de Nichthauser torna-se marcante ao expor (e expor-se) o mais baixo que pode chegar um ser humano, física e moralmente. Ele aponta os diferentes aspectos que, somando-se continuamente, conduzem o sujeito a um nível de degradação difícil de conceber. O primeiro impacto da invasão nazista sobre Nichthauser foi ter que deixar repentinamente o seu lar. Para um menino de 11 anos, era difícil entender a necessidade dessa mudança brusca: “[m]oramos aqui, vivemos aqui toda a vida e agora ter que abandonar tudo, tudo aquilo que se construiu durante tantos e tantos anos, toda uma vida talvez. Apesar de sermos pobres, vivíamos felizes aqui, cercados de bons vizinhos e muitos amigos” (NICHTHAUSER, 1976, p. 25). Contudo, no retorno a sua casa, logo após a tentativa de fuga, Nichthauser percebeu que muito já havia mudado.

Quando a família de Nichthauser retornou a Andrychow, um cenário diferente já estava configurado. Os judeus que ficaram na cidade usavam o símbolo obrigatório: faixas brancas no braço esquerdo, dentro da qual estava pintada a estrela do Rei Davi. Os não-judeus olhavam com estranheza para os judeus que portavam tal distinção. O contexto social de intolerância contra os judeus se agravava. Eles começaram a ser vistos como indivíduos inferiores, à margem da sociedade, sem voz para reclamar os seus direitos de igualdade ou preservarem suas identidades. O autor recorda claramente a mudança de comportamento para com os judeus e as humilhações que começou a sofrer, inclusive de seus amigos:

eles calavam-se, quando me viam aproximar, mas me deixavam ficar, como quem faz um favor a alguém. Isto me deixava constrangido e me aborrecia. Costumava brincar com eles, apesar dos insultos costumeiros que de vez em quando tinha que suportar da parte de alguns. Mas, o pior era a miséria e a fome que começava a entrar em nossa vida. Meu pai vendeu a carroça e o cavalo, mas o dinheiro acabou rapidamente e não havia trabalho algum para nós (NICHTHAUSER, 1976, p. 45).

Além das humilhações sofridas pelos soldados alemães e pelos próprios amigos, as dificuldades financeiras agravaram-se e a alimentação tornou-se escassa. Despendia-se um grande esforço para ter suprimentos em casa. O próprio menino Joseph fez sua parte: vendeu sua coleção de selos que tanto apreciava para, com a moeda que recebeu, comprar dois pães e

um pouco de manteiga. Contudo, o processo de desumanização dos judeus se intensificou quando eles foram conduzidos aos bairros cercados de arame farpado, isto é, os guetos.

Deixar os seus lares e serem confinados nos guetos significou o começo da ruptura com a estrutura familiar de que muitos desfrutavam até aquele momento. As famílias judaicas foram desprovidas de seus lares, do seu espaço íntimo e familiar e de sua privacidade, para viverem sob normas rígidas e constante vigilância da polícia alemã. Por consequência, veio o sentimento de humilhação por terem de deixar suas casas e, inexplicavelmente, serem obrigados a se concentrar em uma rua com as extremidades fechadas, como se fossem prisioneiros. Nichthauser relembra sua chegada ao gueto e descreve sua impressão inicial:

fomos morar em uma casinha de três cômodos, que foram divididos com a família Wajtzberg, composta apenas pelo marido e a mulher, dois velhos aposentados [...]. As relações a partir daquele momento começaram a esfriar um pouco. Isto então era o gueto? Uma rua fechada nas suas extremidades e guardada pelos policiais judeus, por sua vez supervisionados pela polícia alemã. [...] Na verdade, houve pouca mudança no sistema de vida. Só um mal-estar generalizado entre nós, acrescido de um egoísmo progressivo entre todos e uma desconfiança total do vizinho. Possivelmente era isto que os alemães desejavam. Um aviltamento lento mas seguro da pessoa humana. [...] [S]ão acontecimentos inevitáveis em consequência da miséria humana (NICHTHAUSER, 1976, p. 59).

A degradação, nesta passagem, é perceptível, inicialmente, no ambiente físico. Nichthauser se refere a uma “casinha” com três cômodos e, ao usar o substantivo no diminutivo, tem-se a impressão de um lugar humilde, pequeno e desprovido de espaço e recursos, para ser dividido com estranhos. A degradação se dá também nos afetos, pois as relações tornaram-se mais “frias”, indiferentes. Outra condição encontrada no gueto foi a falta de liberdade, pois os judeus ficavam aglomerados em “uma rua fechada nas suas extremidades”, além de estarem sob constante vigilância da polícia alemã. Os indivíduos estavam cerceados, sem liberdade para transitar livremente. Assim, as condições de vida no gueto promoveram um “mal-estar generalizado”, estremecendo as relações, uma vez que se instaurou um ambiente de “egoísmo” e “desconfiança”. Todos esses fatores mencionados contribuíam para a degradação dos judeus, conduzindo-as a uma condição extrema que expunha toda a “miséria humana”.

Ben Abraham, sobrevivente do Holocausto, jornalista e autor de vários livros que abordam sobre a barbárie nazista, entre eles *II Guerra Mundial – síntese, O trajeto,*

*Holocausto*: o massacre de 6 milhões e *Izkor*, define os guetos criados pelos nazistas como “campos de concentração, nos quais, em parte, os judeus executavam trabalho-escravo. Entretanto, todos os guetos visavam isolar e dobrar espiritualmente os seus habitantes, com planos de aniquilação, antes de levá-los para os campos de extermínio” (ABRAHAM, 1980, p. 24). De modo geral, neste ambiente, “os judeus ficavam inertes, dobrados pela fome e deixavam-se conduzir à morte sem resistência” (ABRAHAM, 1980, p. 24). Contudo, em alguns guetos, os judeus reagiram e lutaram contra os nazistas, num ato heroico e, sobretudo, desesperado.

Embora não conseguisse apreender racionalmente a dimensão de todos os acontecimentos que se passavam no período, Nichthauser compreendeu que uma das intenções dos nazistas era abatê-los moralmente, humilhá-los ou, ainda, fazê-los desistir de viver. Primeiramente, desestruturando as bases familiares e retirando dos judeus tudo aquilo que eles conquistaram durante suas vidas. No gueto, Nichthauser sofreu a impactante separação de seu pai e de seu irmão David, que foram enviados aos campos de trabalhos forçados na Alemanha. Segundo o próprio narrador-protagonista, “[e]les foram para a Alemanha contra a sua vontade, contra o seu desejo, arrancados dos seus lares, das suas famílias e dos seus entes queridos. Isto era escravidão, tempo onde prevalecia a lei do mais forte, a lei dos brutos, a lei dos fascistas” (NICHTHAUSER, 1976, p. 67). Alguns meses depois, com ajuda e influência de seu pai, David conseguiu sair do campo de concentração alemão e voltar ao gueto, para junto de sua família. Todavia, as más notícias aumentavam continuamente, e logo a família Nichthauser recebeu a informação de que Bernardo, irmão mais velho de Joseph que morava em Tarnow, no Protetorado Polonês, fora deportado com sua família. Mais uma vez, a casa dos Nichthauser fora tomada pela desolação.

A vida no gueto era difícil, desumana. Os sentimentos para com o próximo tornavam-se cada vez mais escassos. Cada um se preocupava com sua própria sobrevivência e talvez com a sobrevivência dos seus familiares mais próximos. Entretanto, apesar das inúmeras dificuldades e do sofrimento, algumas famílias conseguiam manter-se juntas neste local. Quando foram convocados para deixar o gueto, rumo aos campos de concentração nazistas, eles tinham consciência de que algumas perdas eram definitivas. Ao sair de sua casa, com seus irmãos, sua mãe e uns poucos pertences, Fela afirmou: “[n]ão há necessidade de fechar a porta. Aquilo que deixamos, nunca mais será nosso. Todas estas coisas que deixamos, foram

de nossos pais que trabalharam durante toda vida, ganhando-as com seu suor. Mas isto não tem mais a mínima importância” (NICHTHAUSER, 1976, p. 92). Houve um imenso sentimento de perda de coisas que “nunca mais” poderiam ser recuperadas, apesar do esforço para conquistá-las.

Fora do gueto, a indiferença e o preconceito contra os judeus eram crescentes. Ao ser retirado do gueto, junto com sua família e os demais judeus, rumo aos campos de concentração, Joseph descreveu como os poloneses, que outrora conviviam com eles, lidavam com aquela situação: “[c]om uma indiferença total nos lançavam olhares e iam embora sem comentários, substituídos logo por outros curiosos” (NICHTHAUSER, 1976, p. 94). Diante das atrocidades que sucediam à população judaica, a maioria das pessoas na Polônia demonstravam “curiosidade” e “indiferença”, sendo insensíveis perante a injustiça e o sofrimento alheio. Frente a tal descrição, retomam-se as palavras de Zygmunt Bauman (1998, p. 44), de que uma “cegueira moral estupefacente” se estabeleceu naquela época; contudo, esta afetou não apenas os nazistas, mas a população de um modo geral. De outro modo, como cidadãos normais poderiam ficar inertes diante de tais acontecimentos?

Os campos de concentração nazistas foram os lugares em que ocorreram barbáries sem precedentes na história da humanidade. O regime totalitário de Hitler impôs uma situação de desmoronamento que desestruturou todas as bases do sujeito. Nos campos, deu-se a degradação completa da estrutura familiar. As mulheres, as crianças e os homens mais velhos eram separados e conduzidos aos campos de extermínio. Segundo Abraham, esses campos estavam localizados ao lado dos campos de concentração, porém dispunham de maior “eficiência” e técnica, isto é, tudo era utilizado: os cabelos dos mortos eram cortados e aproveitados na indústria de estofados, dentes de ouro eram arrancados, anéis e alianças retirados com tesouras especiais, os ossos eram moídos e aproveitados para produzir fertilizantes e até a gordura humana era canalizada dos fornos de cremação para as fábricas de sabão (ABRAHAM, 1997, p. 94). Todos esses atos desumanos eram praticados em sigilo, nem a população em geral nem os judeus tinham total conhecimento do que se passava dentro dos campos de extermínio.

Os jovens e fortes, considerados aptos, eram enviados para os trabalhos forçados, nos quais tinham longas e extenuantes jornadas e, ao voltarem aos campos de concentração, recebiam uma alimentação totalmente inadequada, insuficiente para suprir suas necessidades

físicas. Foi no campo de Sosnowice, por onde os judeus de Andrychow passaram alguns dias, que se deu a distribuição dos prisioneiros pelos diversos campos de concentração e também a seleção daqueles que iriam diretamente para as câmeras de gás. Neste campo, Nichthausner, que seria mandado para o extermínio com as demais crianças, conseguiu ficar junto com seu irmão David, ao demonstrar coragem e se apresentar ao Major como forte e apto para trabalhar com os demais que foram selecionados para isso.

David foi o esteio moral no qual Nichthausner se apoiou durante a árdua travessia pelos campos de concentração. Ele ensinou o menino Joseph a encontrar a força espiritual e emocional necessária para não se deixar abater totalmente pelo sistema imposto e sucumbir. A narrativa de Nichthausner está carregada de referências à força espiritual e moral que seu irmão David transmitia. Segundo o sobrevivente, David sempre fazia questão de lembrar da vida anterior à guerra, de sua casa, de seus pais e irmãos, e dos ensinamentos recebidos. Isso inspirava-lhes a viverem da maneira mais decente possível em meio àquele caos, além de buscarem, como nas palavras ditas por David a Nichthausner, “não perder a fé em Deus. Não cair num autoabandono. Reagir contra o desespero a qualquer custo” (NICHTHAUSER, 1976, p. 149). As condições dos vários campos pelos quais David e Nichthausner passaram eram extremamente degradantes, mas, apesar de tudo, eles constantemente tentavam manter a dignidade e não perder a esperança. Em várias passagens, Nichthausner descreve sua ação contra a degradação moral, como, por exemplo, quando estava no campo de Bismarkhutte:

David e eu estávamos sempre em bom estado. Emagrecêramos muito, mas em compensação ganhávamos forças morais. [...] A nossa força moral consistia na rebelião contra a ideia de não sobreviver e não chegar a ver a liberdade um dia. Repelir todo e qualquer pensamento que não fosse de fé e esperança (NICHTHAUSER, 1976, p. 149).

Neste fragmento, Nichthausner demonstra o seu “bom estado” de espírito, contrapondo com a sua decadência física, pois, devido à alimentação escassa nos campos, as pessoas emagreciam muito e ficavam debilitadas fisicamente. Com relação às intenções dos nazistas, ele sabia que “o objetivo deles é cansar-nos fisicamente e nos humilhar moralmente”; contudo, render-se ao cansaço físico e, especialmente, ao abatimento moral seria praticamente uma sentença de morte naquelas condições (NICHTHAUSER, 1976, p. 150). Travava-se, então, uma luta em suas mentes, na tentativa de repelir os pensamentos ruins, e agarrar-se à

“fé” e à “esperança”. Para tanto, percebe-se que os irmãos Nichthauser usaram de duas estratégias para não submergirem completamente ao ambiente hostil em que se encontravam: relembavam o passado, a fim de preservar as memórias de suas vidas antes do Holocausto e, por consequência, preservar suas próprias identidades e, com isso, criar boas expectativas em relação ao futuro, em relação ao dia em que eles poderiam “ver a liberdade”. Provavelmente, muitas das lembranças de Nichthauser sobre sua vida antes do Holocausto não se perderam durante a barbárie nazista devido à insistência de seu irmão David em recordar tais memórias.

A propósito, antes mesmo de ingressarem nos campos de trabalhos forçados, David alertava Nichthauser sobre o que haveria de vir, pois ele já estivera alguns meses em um campo e conseguira retornar ao gueto, preparando o menino de 11 anos para enfrentar uma condição terrível demais para qualquer ser humano. Segundo o autor, David “insistia muito sobre a maneira de não deixar perder o moral, assim como a limpeza do corpo. Estranhávamos como um corpo sujo pode provocar o abatimento moral da pessoa e em consequência a perda da vontade de viver” (NICHTHAUSER, 1976, p. 90). A degradação física era inevitável naquele contexto, onde imperavam a fome e a falta de boas condições de higiene, mas a desesperança, a falta de perspectiva, o espírito abatido, enfim, a degradação moral acelerava o processo de aniquilamento, de modo que muitos desejavam a própria morte. O plano dos nazistas era acabar com a individualidade dos judeus, anular suas identidades, deixá-los inertes e prostrados diante da força do regime Hitlerista.

Aliás, aqui, pode-se tomar a ideia de identidade no sentido que propõe Michael Pollak (1992), na sua acepção mais superficial, “que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros” (p. 204). Ou seja, a identidade é a imagem que o indivíduo constrói e adquire ao longo de sua existência referente a si mesmo, e essa imagem é apresentada aos outros e a si próprio, “para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Num contexto em que a condição humana se pauta em valores degradantes, o indivíduo vê com perplexidade sua constituição enquanto ser humano e, por extensão, é incapaz de projetar a sua identidade em função do outro. Já no primeiro campo de concentração, o de Sosnowice, Nichthauser expressa essa ideia de desintegração da identidade:

o que eles querem de nós é um aniquilamento completo de nossas personalidades, submetendo-nos rigorosamente a uma disciplina de ferro. Agora, o que nós podemos fazer é não deixar que eles nos transformem em animais obedientes e apenas desejosos de viver. Teremos que manter o moral bem alto, para não sucumbir inteiramente de corpo e alma perante o nazismo (NICHTHAUSER, 1976, p. 106).

Neste trecho, o autor expõe o plano dos nazistas para a desconstrução da identidade do povo judeu, através da submissão a uma “disciplina de ferro”, anulando, ou melhor, negando as particularidades próprias de cada um. Através dessa “disciplina”, os nazistas tinham controle físico sobre os judeus, mas também usavam-na para dobrá-los espiritualmente, pois eles não poderiam mais ter vontade própria, fazer suas próprias escolhas, afinal, eram transformados em “animais obedientes”, pois o preço da desobediência era o castigo e a morte. Desse modo, percebe-se que, por meios das rígidas normas impostas, dava-se a degradação da identidade do sujeito nos campos de concentração. Vale lembrar aqui a proposição de Bruno Bettelheim, de que o aprisionamento nos campos tem um impacto desintegrador da personalidade do sujeito por destruir a sua existência social e romper com todos os mecanismos de apoio que este possuía até então, como a família, amigos, emprego, entre outros, e também pela degradação causada pelas humilhações, os maus tratos e a ameaça iminente da morte (BETTELHEIM, 1989, p. 34).

No campo de Sakrau, o terceiro pelo qual Joseph passou, teve sequência a “padronização” dos judeus. Primeiramente, a humilhação de ter seus cabelos cortados, como lembra Nichthausen: “senti o aço frio da máquina entrar em cheio nos cabelos e logo meus cachos loiros caíram no chão. Senti-me humilhado e quase com vontade de chorar. Por que fazem isto comigo? Eu gostava tanto dos meus cabelos!” (NICHTHAUSER, 1976, p. 133). O autor demonstra a condição humilhante em que estava ao ter seus “cachos loiros” destruídos. Ao descrever como eram seus cabelos, o sobrevivente demonstra o apreço que tinha por eles. Além do mais, era uma característica física particular de Joseph, que abruptamente lhe fora tirada. Embora se sentisse profundamente humilhado, ele descreve que estava “quase” com vontade de chorar, e, aqui, a palavra “quase” pode demonstrar que Joseph também estava tornando-se mais frio em seus sentimentos. David reforça o pensamento de Joseph em relação a tal atitude, pois também sentia que tudo isso o conduzia a um estado humilhante: “[o]s alemães fazem isto para nos reduzir a um estado degradante, não para nos proteger dos

pioelhos. Eles pensam que isto constitui o primeiro passo para nossa desmoralização” (NICHTHAUSER, 1976, p. 133).

Além disso, no campo de Sakrau, muitos judeus morriam devido à carência de alimento e ao esgotamento físico causado pelo trabalho exaustivo:

Morria muita gente. De morte natural. Ninguém era morto a tiros ou por enforcamento. A pessoa simplesmente não levantava da cama e ficava assim, às vezes, alguns dias, até morrer, pois não havia quem desse assistência aos doentes. Podia ser doença simples, benigna, e assim mesmo ninguém socorria seu semelhante. Quem não levantava da cama, morria. [...] De manhã um pequeno grupo apanhava os cadáveres e num bosque próximo os enterrava. Não deixavam marcas ou nomes no lugar onde se enterravam os prisioneiros mortos. Eram enterrados como cachorros, sem nenhuma cerimônia (NICHTHAUSER, 1976, p. 140).

Observa-se, no excerto acima, o absoluto descaso com a condição humana. A “morte natural”, tal como descrita por Nichthausen, era causada pela extrema degradação física, originada pela fome e pelo cansaço, ou simplesmente por doenças fáceis de serem tratadas, mas que eram simplesmente ignoradas. Morte “natural” para um contexto que não havia nada de natural nele. Novamente aparece aqui a degradação dos afetos, dos sentimentos, das emoções, pois os mortos eram enterrados “sem nenhuma cerimonia”, sem identidade, como “cachorros”. Assim, sem nome ou qualquer identificação, não restavam marcas de quem eles eram, aliás, nem sequer de suas existências.

Já no campo de Auschwitz, o mais temido de todos pelos requintes de crueldade, pode-se dizer que foi aonde os nazistas chegaram mais perto de seu objetivo final: o extermínio em massa dos judeus. Ao chegar ao campo, Nichthausen percebeu que todos estavam vestidos iguais, com uniformes listrados em azul e branco. Esta era outra estratégia para anular suas identidades. Segundo descreve o autor, esse campo parecia uma grande cidade. O tratamento era bárbaro. Os prisioneiros sofriam insultos e tortura física deliberadamente, e muitos serviam de cobaias humanas para as experiências nazistas. Todos tinham que trabalhar até os limites de suas forças físicas, dar o máximo de si, para justificar sua existência, ou seja, a única possibilidade que os judeus tinham de continuarem vivos era ter alguma utilidade para os alemães – e nisso se resumia a sua existência.

Ao chegarem a Auschwitz, Joseph e os demais prisioneiros transferidos para esse campo foram recebidos com um banho quente, o que seria agradável no rigoroso inverno que

fazia, se não fosse o que sucederia logo depois. Na cena descrita por Nichthausen, ele relata que, após o banho, os prisioneiros foram conduzidos, nus, a uma sala enorme e vazia, com janelas sem vidros, por onde passava o vento gelado. Segundo o autor, “[t]odos ficaram calados, não ousando abrir a boca diante de tanta bestialidade e tratamento desumano. Sair de um banho quente pra ficar nu em sala gelada!” (NICHTHAUSER, 1976, p. 165). A humilhação de ficar nu por horas no frio causou tamanha perplexidade, que os judeus não encontraram palavras para expressar sua indignação, frente a tamanha violência e desumanidade. Nessas condições, a nudez expõe a vulnerabilidade dos indivíduos, despertando um misto de humilhação, vergonha e revolta, por terem seu lado mais íntimo exposto, pois estavam completamente nus: física e moralmente. Embora a dor e a infelicidade fossem comuns a todos, elas não conseguem ser compartilhadas.

Além disso, em Auschwitz, os judeus perderam seus nomes e tornaram-se simplesmente números, o que causou grande repulsa em Nichthausen: “[e]ntão era isso! Seríamos tatuados como verdadeiros animais de filmes de Far West!” (NICHTHAUSER, 1976, p. 166). Para o autor, os limites entre o humano e a animalidade estavam num patamar muito próximo. O jovem judeu-polonês Joseph Nichthausen agora era apenas o número 184.465. A sua identidade, o que é próprio de cada indivíduo, fora reduzida a um número, algo que caracteriza a própria reificação do ser humano. Nichthausen considera tão absurda sua realidade a ponto de compará-la com algo fictício: “filmes de Far West”. Porém, nesse caso, ele não se sentia como um dos astros do filme, mas apenas como um animal marcado.

Se, para quem chegava a Auschwitz, a situação era ruim, para quem estava lá há algum tempo, era muito pior. Era um cenário de sujeitos totalmente degradados tanto na parte física quanto no âmbito emocional, moral e espiritual. Um senhor, que estava há mais tempo no campo, revelou a Nichthausen que “aqui não há vida alguma. Aqui é o reinado de Satan. A morte está por toda parte. Não há vida em Auschwitz” (NICHTHAUSER, 1976, p. 167). Sem perspectiva alguma, muitos dos prisioneiros de Auschwitz apenas esperavam a morte. Quando conduzidos às câmaras de gás, não esboçavam a mínima reação. Embora lutasse contra isso, Nichthausen começou a sucumbir ao sistema: “tudo o que vira até ali me deixara imune a emoções, mesmo à piedade” (NICHTHAUSER, 1976, p. 181). Nesta frase, Nichthausen aponta para a frieza e a escassez de sentimentos que tomavam conta dos habitantes dos campos de concentração. Aliás, tudo lá fora planejado exatamente para isso, a degradação

completa do ser humano, empregando as técnicas modernas para a destruição da sua própria espécie. Conforme Henry Feingold,

[Auschwitz] foi também uma extensão mundana do moderno sistema fabril. Em vez de produzir bens, a matéria-prima eram seres humanos e o produto final, a morte, com tantas unidades por dia cuidadosamente nos mapas de produção do administrador. As chaminés, que são o próprio símbolo do moderno sistema fabril, despejavam uma fumaça acre de carne humana sendo queimada. A malha ferroviária da Europa moderna, com sua brilhante organização, passou a transportar uma nova matéria-prima para as fábricas. E da mesma maneira que faziam outros tipos de carga. Nas câmeras de gás as vítimas inalavam gases letais desprendidos por pelotas de ácido prússico, produzidas pela avançada indústria química da Alemanha. Engenheiros projetaram os crematórios; administradores de empresas projetaram o sistema burocrático, que funcionava com um capricho e eficiência que nações mais atrasadas invejariam. Mas o próprio plano global era um reflexo do moderno espírito científico desvirtuado (FEINGOLD *apud* BAUMAN, 1998, p. 27-28).

Contudo, ao mesmo tempo em que usaram de todos os mecanismos e recursos da modernidade mencionados no texto acima, como a indústria química, o sistema fabril, a engenharia e os métodos de administração, os alemães não passaram imunes ao seu próprio esquema. Embora estivessem no comando, com domínio sobre os judeus, bem alimentados e protegidos com seu armamento, Niththauser relembra com propriedade as palavras de um prisioneiro em relação a alguns líderes militares nazistas: “[e]stes são feras e não seres humanos. De humanos têm apenas as formas. Desprovidos de quaisquer definições ou sentimentos” (NICHTHAUSER, 1976, p. 170). A degradação dos judeus era evidente, mas o que talvez não estivesse evidente é que, na tentativa alemã de anular a humanidade daqueles que eles julgavam inferiores, eles mesmos perdiam sua própria humanidade pois, como se observa no fragmento acima, eles estavam “desprovidos de quaisquer definições ou sentimentos”. A degradação moral e afetiva atingiu não apenas os judeus, mas os seus próprios opressores, tornando-os similares a “feras”, ou seja, refletindo a mesma animalidade que eles objetivavam impor aos prisioneiros dos campos de concentração.

As reflexões tecidas ao longo deste capítulo apontam para uma série de atos bárbaros infligidos contra indivíduos destituídos de humanidade. Dentro da lógica do pensamento nazista, era natural o extermínio daquelas pessoas que constituíam uma ameaça à legitimidade dos interesses de uma nação ostentada em pilares excludentes e autoritários. Segundo Theodor Adorno (1994, p. 33-34), o extermínio em massa de judeus em campos de concentração não

foi um acontecimento isolado, mas algo coerente com o desenvolvimento de uma sociedade reificada. Isso significa que a frieza, a falta de amor e a indiferença seriam condições formuladas ao longo da história e que culminaram no Holocausto, justificando, assim, os crimes nazistas. Ainda segundo o crítico frankfurtiano, o problema de Auschwitz não está apenas no fato de ter acontecido, mas em novamente poder acontecer. O terror do evento foi possível graças ao gesto frio, à dissolução do sujeito na sociedade. Logo, o campo de concentração existe não como negação, mas como afirmação radicalmente acentuada da coisificação do homem.

Nesse sentido, o relato de testemunho de Nichthausen é uma tentativa de reestabelecer a identidade e as memórias que tentaram ser apagadas ou destruídas pelo regime imposto aos judeus. Assim, mesmo que de forma fragmentada, o testemunho do sobrevivente consiste também, segundo Shoshana Felman (2000, p. 64) num “engajamento no sentido exatamente contrário àquele do processo nazista – e sua tentativa –, de padronização das pessoas enviadas para a morte”. Ainda conforme a autora, a violência do Holocausto não está apenas na morte em si, “mas o fato ainda mais obscuro de *que a própria morte não faz diferença*, o fato da morte ser radicalmente *indiferente*: todos são colocados num mesmo plano, pessoas morrem como números, não como nomes próprios” (FELMAN, 2000, p. 64). Nichthausen expôs no seu relato a sua constante tentativa de não deixar-se aniquilar em meio a um sistema desintegrador, que objetivava apagar os judeus da história. Com seu testemunho, o sobrevivente engaja-se “no processo de *reencontrar seu nome próprio, sua assinatura*” (FELMAN, 2000, p. 65).

**ABSTRACT:** This essay aims at analyzing the degradation and the human misery in the Jewish-Brazilian writer Joseph Nichthausen’s *Quero viver... memórias de um ex-morto* (1961). The author is the narrator, the protagonist, and a victim of the Holocaust. As a prisoner in concentration camps during the Second World War (1939-1945), he could see both his family and friends being killed by the Nazis and could also witness the diverse experiences of violence of a dark period in the world history. Ben Abraham, Bruno Bettelheim, Theodor Adorno, and Zygmunt Bauman, among others, are the scholars who underscore the present approach.

**KEYWORDS:** Degradation. Human misery. Holocaust. Joseph Nichthausen.

## REFERÊNCIAS

*Revista Literatura em Debate*, v. 7, n. 12, p. 106-120, jul. 2013. Recebido em: 31 maio 2013. Aceito em: 27 jun. 2013.

ABRAHAM, Ben. *Holocausto: o massacre de 6 milhões*. 29. ed. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1997.

\_\_\_\_\_. *Izkor*. 2. ed. São Paulo: Parma, 1980.

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia*. Gabriel Cohn (Org.). 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 33-45.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. *Sobrevivência e outros estudos*. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-71.

NICHTHAUSER, Joseph. *Quero viver... memórias de um ex-morto*. São Paulo: Ricla, 1976.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Histórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.